

A LINGUÍSTICA APLICADA: DA PRÁTICA INICIAL AO PÓS-MODERNISMO

Zukleia Pereira Cabral Cipriano

Universidade Estadual do Tocantins/UFT

<https://lattes.cnpq.br/3037204216386247>

<https://orcid.org/0000-0003-1162-6589>

E-mail: zukleiacabral01@gmail.com

ÁREA TEMÁTICA: Aspectos históricos da Linguística Aplicada.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Aplicada. Ética. Indisciplina. Linguista Aplicado.

RESUMO: A importância dos estudos da Linguística Aplicada (LA) enquanto ciência “moderna”, tem sido apreciada pela educação contemporânea. O objetivo dessa pesquisa foi descrever, de forma breve, através de uma pesquisa instrumental documental e de levantamentos teóricos, o nascimento, a expansão e o desenvolvimento da LA no Brasil e no mundo. Nesse sentido, é pertinente discutir a protolíngua e a globalização para o entendimento da evolução das línguas. As novas interfaces da linguística aplicada indisciplinar evidenciaram a sua amplitude e capacidade de atuar no meio linguístico de forma alienadora ou libertadora, de acordo com a visão do linguista. Percebe-se, que a LA atua no meio social e demonstra o quanto a língua é viva e mutante. Para tanto, buscamos amparo teórico e metodológico em Fiorin (2003), que debate acerca da historiografia inicial da LA; Benveniste (2005) descreve sobre o desenvolvimento da linguística no campo científico; Kleiman (1992) destaca a utilização da LA nos estudos de línguas específicas e ainda, em Moita Lopes (2006), que trata da LA transdisciplinar ou indisciplinar. Alguns especialistas e pesquisadores consideram que a LA é concebida como uma área relativamente recente (cerca de 15 a 20 anos). Constata-se que a LA se apresenta como indisciplinar, transdisciplinar e transgressiva e pelos aportes teóricos, são discutidos valores ou preconceitos de uma língua em razão de outra. Rajagopalan (2003) esclarece que a língua inglesa se tornou uma mercadoria valorizada, de forma mais veemente, nos países periféricos. Costumeiramente, os Materiais Didáticos ditam valores culturais e ideológicos e isso desencadeia a marginalização de algumas línguas. Outrossim, por vezes os professores de línguas se veem limitados pelos materiais de ensino, já moldados, plastificados para as práticas. E se há a concepção de uma “língua mãe”, o pensamento interpreta a linguagem das demais línguas, as que são “filhotes” as que são “bastardas”, dentre outras subsequências tendenciosas. Subentende-se uma questão política, em que o indivíduo pode se envergonhar caso sua língua não seja a “ideal”, a dominante. Nos textos Bíblicos há referências de episódios do dilúvio, da Torre de Babel e da descida de pentecostes (Fiorin, 2002), os quais evidenciam concepções místicas. A partir do século XIX deixou-se de criar seres imaginários ou declarações místicas. Por meio da gramática Filosófica e da Gramática Gerativa constata-se que já existiu uma ideia de unificação. A LA evoluiu a partir do século XIX quando da revolução dos estudos linguísticos, denominado Comparativismo. Neste período, pesquisadores identificaram semelhanças de som e de sentidos entre palavras diferentes. Notaram diferenças também entre as morfologias e as sintaxes e identificaram graus de parentescos entre as línguas e que mesmo línguas diferentes entre si possuíam uma origem ancestral,

nascidas de uma língua mãe antiga. Segundo Benveniste (2005), a LA desenvolveu-se no campo científico perpassando por três fases: na primeira fase, pelo nascimento da filosofia grega, com destaque da língua, que se pautava na referência filosófica, perdurando até o século XX; posteriormente, no que seria segunda fase, a linguística emergiu da relação de parentesco entre as línguas indo-europeu (período em que surge a gramática comparada); e já na terceira fase, a dos estudos linguísticos, no século XX. Destacaram-se os estudos de Ferdinand Saussure e o curso de Linguística Geral – escritos pelos seus discípulos: Charles Bally, Albert Sechehaye e outros. Os linguistas passaram a estudar a língua e a descrever conforme a análise das suas características. Mediante as mudanças constatadas, as migrações foram responsáveis por propagar as línguas pelo mundo e elas se ampliaram. Na Revista Mundo Estranho, Motomura (2011) destaca que no Brasil existem cerca de 210 línguas, destas, 180 delas se concentram nas comunidades indígenas. Acerca da linguística aplicada indisciplinar, Menezes (2009, s/p.) afirma que a Linguística Aplicada “(...) nasceu como uma disciplina voltada para os estudos sobre ensino de línguas estrangeiras e hoje se configura como uma área imensamente produtiva (...)” se apresentando no campo da investigação transdisciplinar. Para Almeida Filho (1990), a LA no Brasil ainda se encontra em crescimento. Nos aspectos históricos, Cavalcanti (1986) explica que a LA surgiu na década de 40 e se estendeu até as décadas de 50 e 60, período em que se utilizou métodos audiovisuais e exercícios estruturais no ensino de línguas. A LA iniciou seu processo de sistematização com o estruturalismo (concepção Behaviorista da linguagem) e o gerativismo (viés da criatividade, das regras, da formação e transformação de sentenças gramaticais). Kopschitz (1993, p. 8), afirma que a “Linguística Aplicada é uma disciplina que se ocupa e, exclusivamente, de situações em que o homem usa a língua para falar dela mesma”. Moita Lopes (2006) fundamenta que a LA no campo dos signos, dos gestos, das práticas e dos desvios em si se apresenta como uma (in) disciplina. Trazendo a LA para seu novo perfil, Celani (1992), Beaugrande (1992) e Kleiman (1992) afirmam que a LA possibilita ultrapassar a teoria linguística e proceder na resolução de problemas de aprendizagens de línguas, sejam elas maternas ou estrangeiras, ou até mesmo nos estudos de línguas dentro das suas especificidades. Paulo Freire (1970) em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, discorre sobre a importância da educação que é democrática e conscientizadora, que desfaz as opressões dominantes e faz emergir uma pedagogia libertadora. O linguista aplicado tem ciência da importância do seu papel, que é formar indivíduos em seus aspectos sociais, os quais se modificam constantemente, assim como se modificam os seus discursos. Moita Lopes (2005, p. 27), aponta em seu livro *Oficina de Linguística Aplicada*, que a LA “[...] é uma área de investigação que está tendo um grande desenvolvimento no Brasil e que o nosso país é o que tem apresentado mais trabalhos em congressos que tratam dessa disciplina”. Tais afirmativas apontam que o campo da LA tem sido considerado como importante no Brasil e nesse sentido, as práticas podem e devem ser concebidas respeitando os aportes sociais e históricos da sociedade, como forma de destacar que o seu ambiente e meio social são importantes. Freire (1970, p. 41) fundamenta que “Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos (...)”. Notório destacar que o caminho para que os indivíduos recebam “tratamento” humanitário, como bem pontua Freire, passa pela práxis ética do profissional. Dessa forma, em Moita Lopes (2006, p. 27) confirmamos que a LA como transdisciplinar ou indisciplinar necessita abarcar “questões de ética e poder”.

Portanto, a Linguística Aplicada busca compreender a língua e a linguagem em suas dimensões éticas, sociais e políticas, analisando como essas dimensões impactam e são influenciadas pelas relações de poder que permeiam os contextos comunicativos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Linguística Aplicada, Aplicação de Linguística e Ensino de Línguas**. In: Anais do III Seminário Integrado de Ensino de Línguas e Literatura. Porto Alegre: PUC-RS e Centro Yáziqi de Educação e Cultura, 1987.

BEAUGRANDE, Robert A. (1992). **Análise de texto e lingüística aplicada como reorientação da lingüística teórica**. In: FÁVERO & PASCHOAL (Org.). Linguística Textual, Cadernos da PUC. São Paulo: Educ, n. 22, p. 15-30.

BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral I**. Trad. NOVAK, M. G; NERI, M. L 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

CAVALCANTI, M. (1986). **A propósito de Lingüística Aplicada. Trabalhos em Lingüística Aplicada**. [s.l: s.n], n.7,p. 5-12.

CELANI, M. A. A. (1992) **Afinal, o que é Lingüística Aplicada?**. In: PASCHOAL, M.S.Z. & CELANI, M. (Org.). São Paulo: Educ.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

KLEIMAN, A. B. **O ensino de línguas no Brasil**, In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M.A.A. (orgs.). Linguística aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar. São Paulo: EDUC-PUCSP,1992.

KOPSHITZ, Lúcia X. B; MATTOS, Maria Augusta B. **A Lingüística Aplicada e a Lingüística**. In: Trabalhos em Lingüística Aplicada. Campinas: Institutos dos Estudos da Linguagem, v. 22, 1993. p.07-23.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. **Sessenta anos de lingüística aplicada: de onde viemos e para onde vamos**. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: 2009.

MOITA LOPES, L. P. **Afinal, o que é Lingüística Aplicada?** In: MOITA LOPES, L. P. Oficina de lingüística aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p.17-33.

MOITA LOPES, L. P. **Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação**. 2005; Conferência.

MOTOMURA, M. **Quantos idiomas existem no mundo?** *Revista Mundo Estranho*. Publicado em 18 abr 2011. Obtido em: <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/quantos-idomas-existem-no-mundo-2/>. Acesso em 01 de Setembro de 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial. ISBN 85- 88456-13-3. Pp.144.